

António Ole: Arqueologias do quotidiano e da memória

Teresa Matos Pereira
Instituto Politécnico de Setúbal/ Escola Superior de Educação

Para mim a arte é a soma de discursos e formas, próxima de um conhecimento do nosso passado, chegando ao conhecimento do presente – para vislumbrar uma ideia de futuro.

António Ole

atividade entendida enquanto capacidade de estabelecer conexões e relações inusitadas entre diferentes entidades, desenvolve-se de forma intuitiva e ocupa um lugar de destaque no âmbito das linguagens não-verbais e/ou visuais. O processo envolvido no ato de criar – designadamente no âmbito das artes plásticas – desenha-se como um movimento fluido (cf. CSIKSZENTMIHALYI, 1998), plural e multidimensional, que se vai sedimentando no espaço e no tempo, configurando um arquivo pessoal, organizado em estratos de sentido; incorpora por isso, um conjunto de motivações, conhecimentos teóricos, técnicos, acasos e matrizes culturais, traduzindo-se num conjunto de ações em permanente construção, marcadas pelo dinamismo, transfigurações, associações singulares e, por fim, descrevendo uma rede que envolve perceções, memórias e subjetividades.

Considerando a perceção e a reflexão que o artista realiza acerca do processo criativo individual, iremos acompanhar, neste artigo, o caminho proposto pelo artista plástico António Ole, observando o modo como descreve o fluir de ideias a partir de referências variadas (quotidianas, históricas, culturais, estéticas, artísticas, etc) entrelaçando motivações, pesquisas, soluções, associações de pensamentos, memórias